

ANO 38 DEZEMBRO_2023 - Nº 242

Semestre de mudanças e inovações.

O segundo semestre de 2023 na Faculdade de Educação (FaE) foi marcado por diversos fatores e mudanças, houve modificações curriculares, eventos se instaurando e novos cursos sendo criados e estruturados. Nossa FaE está crescendo. A mudança que a FaE carrega é a mudança que devemos carregar pra seguirmos em frente, firmando nosso pé no chão ou dando um passo por vez.

Em clima de mudanças e inovações utilizaremos algumas imagens feitas pela Inteligência Artificial Bing Creator

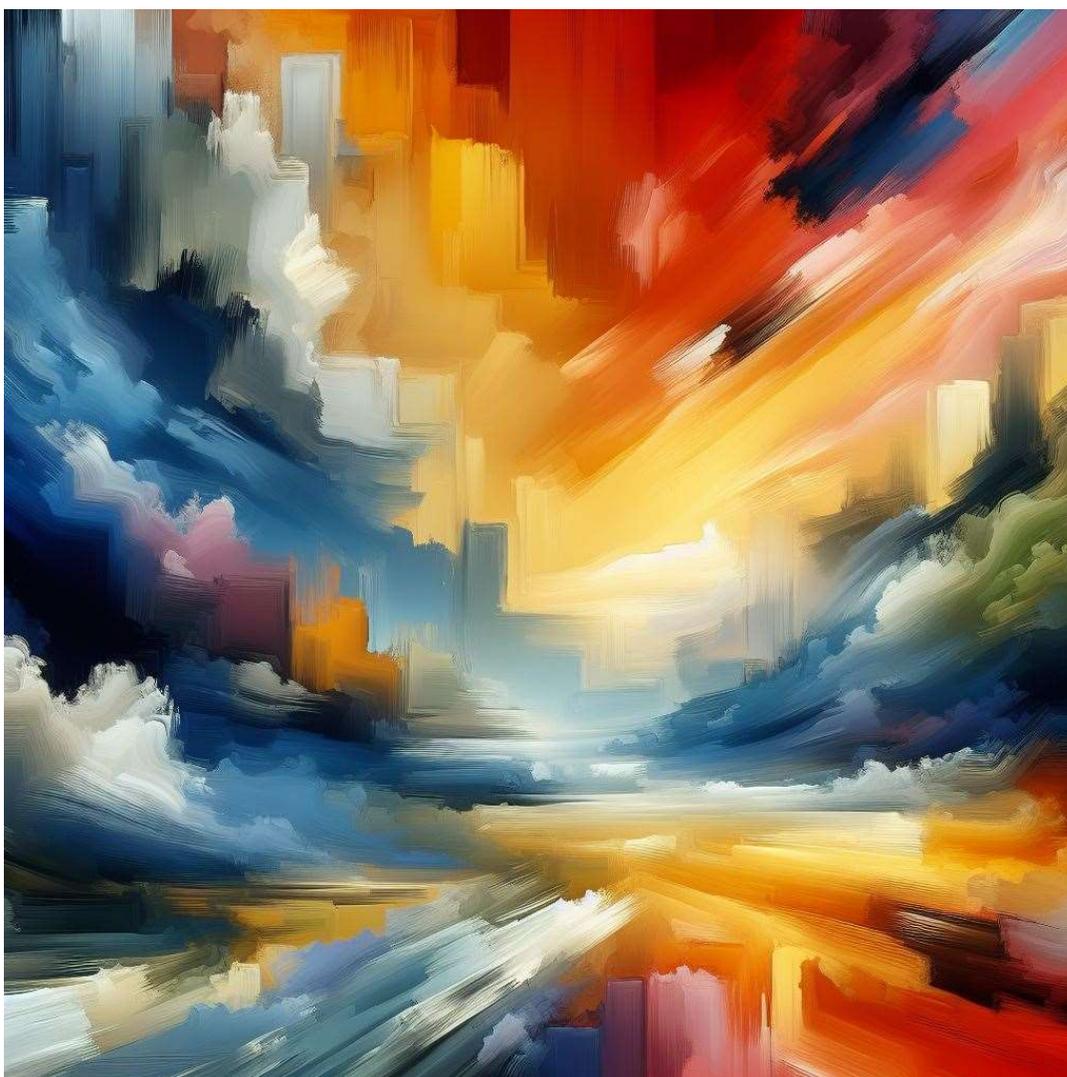


Imagem: arquivo gerado por Bing Creator

Confira em nossas últimas páginas alguns eventos que ocorreram na Unidade!

Editorial

Sabemos que o ano de 2023 não foi fácil para ninguém. E nem é preciso dizer muito, pois o calo de cada um já fica latejando nesses tempos sombrios que atingem tanto a consciência individual quanto a coletiva. Pior que isso é acertar o corpo, o equilíbrio, a subjetividade e a alma. Isso já foi muito para esses últimos dias e meses. E nesse sentido que tentamos, com dificuldade, organizar o último jornal FaEinforma de 2023. Esperamos que pelo menos ele se aproxime de uma um ato de resistência pela e para a educação.

Tal como nos ensinou a Professora Eliana Machado, o ser pedagogo, o ser professor é ser paixão. Um ser que se apaixona o tempo todo, em ato contínuo de conflitos e consentimentos, mesmo que, por vezes, chegamos quase a terminar uma relação que, por definição, é de interação, por tempo determinado e em períodos específicos. Como paixão o ato de educar é sempre forte, cheio de amarras, ideias, desejo e vida. Daí ser sempre uma ação devastadora para os amantes que necessariamente, em casos de rompimento ou não, saem transformados e emancipados em relação ao outro e ao mundo.

Este é mais ou menos o caminho da professora Janayna Alves Brejo, que nos avisa para pensar mais em nossos comportamentos. Como somos capazes de ser tão hostis? Por que alguns seres humanos nos jogam para baixo a ponto de nos fazer desacreditar na vida? O artigo é um belo aviso de como é importante encantar a vida, pensar em nosso self, mudar nossa história, pisar no freio e cuidar do outro. A força da reclamação e da fofoca é a mesma que gastamos para produzir bons frutos; que pensemos em florescer como a flor de lótus que enfrenta qualquer pântano, e que essa força auxilie aqueles que estão ainda perdidos, deificados, vaidosos e pisando nas pessoas como se faz com formigas e cupins. O texto nos ensina que o problema está no formigueiro e somos pequenos diante dele, apesar de fortes em união para enfrentar as dificuldades da vida.

O artigo da professora Cristina Alves Menezes Rocha nos faz lembrar de quem nunca devemos esquecer, as pessoas com necessidades especiais, notadamente, os surdos. Em seu artigo ela nos lembra do dia 25 de setembro de 2023, quando foi realizado o UEMG Azul na Faculdade de Educação (FaE). Ela destaca a presença de várias pessoas que contribuíram com palestras, interações e falas em relação aos direitos, ao lugar conquistado pela comunidade surda, espaço este ocupado a duras penas. Nesse caminho ressalta o lançamento do Curso de Licenciatura em Letras Libras/Língua portuguesa e suas Literaturas, sem dúvida um acontecimento que nos enche os olhos, pois há tempos, alguns professores lutam por essa proposta que será disponibilizada pela UEMG nos polos de Educação a Distância. A professora ainda nos lembra que saiu o ISSN da Revista SCIAS Línguas de Sinais, e a dificuldade de chegar a esse pont. Por essa conquista a professora merece parabéns.

O artigo da professora Neide Elisa Portes dos Santos é sua face escrita em tom de indignação e defesa do trabalho docente, tal como vem estudando há tempos a professora. Nesse texto ela fala um pouco de si, de sua tese de doutoramento e de sua experiência em relação ao tripé que repousa em todo projeto sério de universidade que envolve ensino, pesquisa e extensão. Em tempos que a educação perde espaço diante de avanços de políticas de “contenção de gastos” e precarização do trabalho, a professora faz o alerta e defende “a coragem para seguirmos em frente nadando contra a corrente que insiste em nos levar para o fundo do mar sombrio do Estado mínimo. “A luta e a resistência em prol da manutenção de uma universidade pública, gratuita tem que continuar”.

O lembrete das professoras Maria Auxiliadora Jacob e Fernanda Aires Guedes Ferreira, diz respeito ao 25º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG/FaE/CBH, o que teve como tema a “Sustentabilidade e promoção Regional” destacando o papel da UEMG nesse cenário. As professoras nos lembram da grande variedade de práticas pedagógicas, trabalho docente, atividade discente e a participação da comunidade acadêmica em minicursos, palestras, mesas redondas e apresentação de trabalhos, este foi um trabalho árduo e penoso das organizadoras, as quais levaram à frente, com coragem e determinação, um encontro que historicamente ocorre na unidade. Importante, nesse caso, foi a participação em modalidade presencial e online dos centros de pesquisa e extensão da FAPPGEN, que além de abrilhantar o seminário, trouxeram novas perspectivas e novos olhares para entender o mundo.

O também lembrete da Bibliotecaria Simone Rodrigues, chama atenção para a Biblioteca da FaE. Ela afirma que a Biblioteca integra o Sistema de Bibliotecas da UEMG e atende a toda comunidade interessada nos livros, mesmo em tempos digitais onde jovens e adultos perdem tempo em frente aos computadores nas redes sociais. O espaço digital, para as autoras, pode ser também uma forma de acesso aos livros, devido, principalmente aos projetos “Biblioteca Virtual” e “Minha Biblioteca”. Nessas plataformas os interessados vão encontrar muitas obras à disposição.

O artigo das e dos proponentes do projeto “UEMG em CENA”, liderado pela professora Aline Choucair Vaz, que conta com a participação de outros discentes e docentes, revela a importância e a força desse projeto que tem o cinema e sua discussão como fundamentos para debater a vida, o mundo, as relações na educação, o poder e todas as dimensões humanas às quais somos submetidos. O projeto é ousado e trabalhoso. As coordenadoras do projeto se empenham ao máximo e têm como auxiliares alguns alunos e alunas que por certo são amantes dessa arte tão bonita e profunda. O presente projeto tem por função estimular a discussão dessa linguagem que certamente pode auxiliar nas práticas educativas. Além disso, professores e alunos e alunas desse projeto alimentam as redes sociais e as pessoas interessadas podem, por esse meio, indicar, criticar, opinar, apresentar ideias e esclarecer pensamentos. Como produto os autores e as autoras indicam um canal do YouTube, e convidam a toda comunidade a participar dessa ousada empreitada.

Os três últimos artigos dizem respeito ao convite para que as pessoas possam se debruçar sobre três livros publicados. O primeiro é o do autor e professor Sérgio Murilo, cuja obra “A teoria consensual da verdade de Habermas” discute, em largas linhas, o problema da produção de consensos sobre o que podemos entender sobre a verdade. Este é um terreno arenoso e de difícil manejo, mas o autor se esforça por revelar, de acordo com suas palavras, que no pensamento de Habermas, “o objetivo é alcançar um consenso racionalmente motivado; obtido graças exclusivamente à força do melhor argumento. Este consenso é simplesmente um acordo legitimado politicamente pela discussão racional livre que o gerou, porém ele não elimina de forma alguma o dissenso, tão necessário em uma sociedade justa”. A segunda obra é lembrada pelo professor Lúcio Alves de Barros. Trata-se da obra de Helena Hirata sobre “O cuidado. Teorias e práticas”, livro no qual a autora destaca suas pesquisas no Brasil, no Japão e na França, deixando claro a emergência dos trabalhadores em cuidados. Além do trabalho dos cuidados, ela se refere àquelas pessoas que vão precisar de auxílio devido a insegurança social, à doença ou a aproximação da finitude. Helena Hirata chama atenção principalmente para os idosos e afirma com contundência que a profissão de “cuidador” merece ser valorizada, dado que, apesar das peculiaridades dos países pesquisados, as sociedades estão envelhecendo rápido e a maioria das pessoas não tem as mesmas condições de manutenção de qualidade de vida. Por último temos o livro do qual participou a professora Rogéria Cristina Alves, “Marfins Africanos como insígnias de poder”. Trata-se de uma obra coletiva com 10 autores e, no seu artigo, a autora contribuiu aprofundando um dos capítulos de sua tese de doutorado ao enfatizar a participação das populações centro-africanas no comércio atlântico do Marfim.

Finalmente, vale lembrar nossos votos de esperança, força, muita fé nesses dias em que novamente temos mais um ano pela frente para fazer da nossa Faculdade um lugar e um espaço de alegria, luz e paz.

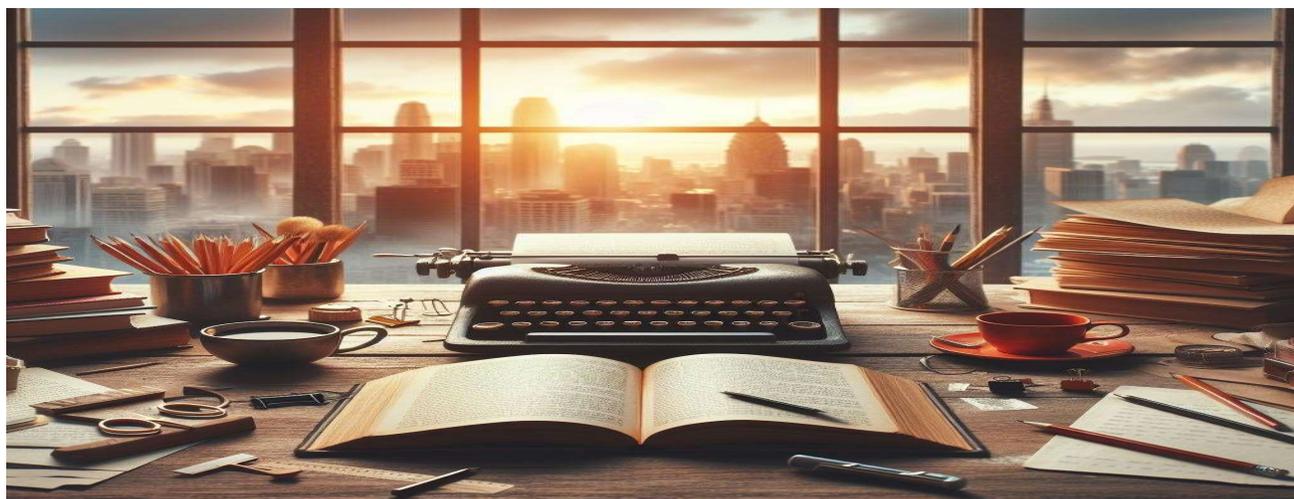


Imagem: arquivo gerado por Bing Creator

EXPEDIENTE

FaE Informa é uma publicação da Faculdade de Educação do Campus de Belo Horizonte da UEMG – Edição, reportagem e diagramação: Equipe CenC – Conselho Editorial: Lucio Alves de Barros; Luan Avelino Duarte de Souza e Evandro Alexandre da Silva Costa. Centro de Comunicação: cenc.fae@uemg.com – <https://www.instagram.com/Projeto> gráfico: Luan Avelino Duarte de Souza. Diagramação: Luan Avelino Duarte de Souza. Redação: Responsabilidade de cada autor. Revisão: Eliana Gomes Silva Machado. Universidade do Estado de Minas Gerais – Reitora: Lavinia Rosa Rodrigues – Vice- Reitor: Thiago Torres Costa Pereira. FaE: Diretora: Maria de Lourdes Teixeira – Vice-Diretor: Jurandir de Souza. Os conceitos emitidos em colunas e artigos são de responsabilidade de seus autores. Editoração: Equipe CenC – Distribuição online.

SER PEDAGOGA(O)

Eliana Gomes Silva Machado

Imagem: arquivo da autora

Olá! Como vai você? Sou a prof. Eliana Machado e te convido a me imaginar na sua frente com um olhar bem amigo, um alegre sorriso e um aperto de mão, vc conhece essa música? Vamos lá refletir?

Você gosta do que faz profissionalmente? É pedagoga/o? Vamos conversar um pouco sobre isso e eu já te peço de uma vez: se vc não gosta de dar aulas, por favor, não vá para a escola. Vender Avon ou salgado, às vezes dá mais dinheiro, e saiba, vc não vai ficar trilhadrária dando aulas de jeito nenhum!

Professor é alguém por quem o (a) aluno(a) se apaixona e que deixa marcas; e tomara que as suas sejam positivas. Aluno/a admira

boas/bons professoras/es e nunca esquece, apesar de em algumas ocasiões perguntar assim: “--Professora, vc não trabalha não, só dá aula?” “Tadinho”...ele (a) não tem noção do tanto de trabalho que temos para planejar uma aula que o satisfaça, porque da escola ele gosta, ele não gosta é das aulas.

Tenho umas sugestões pra vc. “Bora lá nelas”? Criança precisa é de pedagogo(a)/professor(a) para aprender. Dizemos que muitas crianças têm problemas de aprendizagem, porém, em alguns casos, o problema é de “ensinagem”, a gente não ensina e quer que elas já saibam o que foram na escola para aprender.

Um/a pedagogo/a precisa gostar do que faz e fazê-lo de corpo e alma; acreditar no potencial da criança, fazer com que ela acredite em si mesma, viver as

dificuldades enxergando as possibilidades e fazer o máximo possível para ela aprender, independente da faixa etária ou modalidade de ensino que atue, formando protagonistas; saber o que quer “para” a criança e o que quer “a” criança, mantendo uma escuta e atenção cuidadosas; construir uma prática que garanta constância nas aprendizagens, sistematização das descobertas e convenções e referenciais ricos que ampliem as possibilidades das crianças; respeitar os ritmos diferenciados e dar liberdade para construir e produzir (Zabalza, 1998); bem como conhecer a história de vida dos alunos pois assim compreende porque eles fazem as coisas como fazem.

Avaliar é algo que a/o pedagoga(o) deve saber fazer muito bem para, sobretudo, diagnosticar as mudanças e as aprendizagens que precisam ser feitas, e acompanhar os percursos de aprendizagem. Faz-se necessário trabalhar com uma pedagogia diferenciada. “Diferenciar a pedagogia é oferecer a cada um os meios para apropriar-se dos saberes, respeitando suas necessidades específicas e acompanhando, o melhor possível, a trajetória de aprendizagem.” (Meirieu, 2005, p.122).

A escola deve garantir, entre outras coisas, novas formas de sociabilidade e expressão da subjetividade, comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística ou religiosa. (Zabalza, 1998)

A escola, portanto, informa, reforma, transforma... e um dos nossos objetivos deve ser formar com qualidade. Na instituição em que trabalharmos, o nosso compromisso com a educação deve ser sempre vivido, pensado e criticado, às vezes, mas sempre assumido, e nossa atuação deve procurar dar exemplo de ética, profissionalismo, comprometimento e respeito ao ser humano que convive conosco. Tchau. Bj grande.



Coluna: Literatura com Pipoca Como a flor de lótus

“Precisamos florescer onde estamos, assim como a flor de lótus cria forças para crescer no pântano”



Janayna Alves Brejo

Imagem: arquivo da autora

Já perceberam que grosseria, falta de educação e mal humor podem contagiar?

É verdade! Pois, se não tomarmos cuidado com a correria do dia a dia e não tivermos a sensibilidade para perceber isso, podemos repetir comportamentos que não aprovamos.

Já pensaram nisso?

Quantas vezes nos deparamos com ambientes hostis?

Com pessoas mal humoradas?

Com seres humanos que tentam fazer com que desacreditemos na vida...

Por isso, é preciso que pensemos até que ponto nós endossamos esses comportamentos, reforçando atitudes de reclamação, de falta de educação, de mal humor... E até que ponto as reproduzimos automaticamente?

Certo dia, uma aluna me contou a sua rotina, saindo de sua casa até chegar à faculdade... enfrentava todos os dias dois ônibus lotados, onde ninguém dava sequer um “bom dia”. Muitos empurravam para conseguir primeiro um lugar vago para sentar... Foi aí que ela me disse também, que não se deixa levar por essas atitudes de mal humor, e que, mesmo dentro daquele ambiente difícil, cumprimentava as pessoas e se deslocava com educação. Afirmou com um sorriso no rosto, que não

se deixaria contagiar por essa “onda” de antipatia, uma vez que agir da mesma maneira só iria tornar seu dia mais complicado.

A partir dessa pequena história, podemos perceber que mesmo em meio a tanta correria e falta de educação, a estudante se preocupava em fazer a diferença naquele ambiente, pois a partir de suas pequenas atitudes, poderia deixar as coisas mais leves para ela e para as outras pessoas. E, mesmo que muitas delas não enxergassem ou não percebessem esse comportamento cordial, para aqueles(as) que tivessem um pouquinho de sensibilidade, tal postura se tornaria uma referência de luz e de amabilidade.

Quantas vezes reclamamos da nossa vida, do nosso trabalho, dos nossos vizinhos, das nossas amizades, das nossas dificuldades diárias, sem nos perguntamos onde essas atitudes poderão nos levar?

Quantas vezes vamos a um consultório, a uma instituição pública e sequer cumprimentamos o porteiro?

Refletindo ainda mais sobre isso, me lembrei de uma frase que carregou comigo há anos, ela diz sobre essas pessoas que simplesmente ignoram quem está a sua volta: “Não adianta ter mestrado e doutorado e não cumprimentar o porteiro”

(Mallone Alves). Essa frase me tocou tão profundamente que jamais me esqueci dela, sobretudo porque, acredito que cumprimentar uma pessoa, perceber que existe alguém do seu lado, é um ato de gentileza, de educação, de humanidade e, ações como essas, precisam ser cultivadas em nosso cotidiano.

Afinal, será que vivendo assim, ignorando as pessoas que estão a nossa volta e pensando somente em nós, estaremos contribuindo para vivermos dias melhores?

Infelizmente, temos acompanhado notícias muito tristes e aterrorizantes ultimamente. Fatos que nos deixam estarecidos, indignados, entristecidos e, sobretudo, em busca de respostas para algumas atitudes.

Diante de tudo isso, será justo reclamar de pequenas coisas que nos acontecem no dia a dia?

Ou precisamos aprender a nos colocar no lugar do outro para agirmos de modo diferente?

Muitos escolhem reclamar, desencorajar e dizer que o mundo não tem mais jeito...

Enquanto outros, com a sua solidariedade, preferem distribuir seu auxílio, seu consolo, sua palavra de otimismo...

E vocês, de que lado estão?

Daqueles que vivem no “pântano” da reclamação e do discurso pessimista? Ou daqueles que buscam ser como uma flor de lótus?

Uso essa analogia entre o pântano e a

flor de lótus, porque ela, mesmo nascendo no lodo, aproveita a luz do sol e cresce cheia de coragem e formosura.

Vejam... a natureza é tão perfeita, que uma flor de rara beleza é capaz de vencer os desafios da lama e florescer com o propósito de encantar aqueles(as) que a observam.

Precisamos seguir o exemplo da flor de lótus, que é símbolo de resignação, de resiliência e de resistência, para conseguirmos passar pelos desafios, sem sermos consumidos por eles.

Acredito que somente dessa maneira, aprenderemos a passar pelos ciclos da vida, respeitando as pessoas e sabendo nos colocar no

lugar do outro.

A verdade é que nós precisamos florescer onde estamos, assim como a flor de lótus cria forças para crescer no pântano.

Sigamos em frente...

UEMG Azul na FaE

O mês de setembro é reconhecidamente um mês especial para a Comunidade Surda Brasileira. Sendo tão importante, fazia-se necessário que marcássemos este tempo junto aos nossos alunos na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, para conscientizá-los sobre as pessoas Surdas, sua língua e questões que os permeiam. No dia 25 de setembro de 2023 realizou-se o “UEMG Azul na FaE”. Naquela data tivemos a presença de vários palestrantes, tratando de várias temáticas voltadas às questões da Comunidade Surda, de suas questões individuais enquanto pessoas Surdas, de legislação sendo revista e atualizada, bem como a divulgação de uma grande notícia, dada a sua importância para a Universidade. Foi realizado, oficialmente, o lançamento do Curso de Licenciatura em Letras Libras / Língua Portuguesa e suas Literaturas, como um marco que certamente trará mudanças interna e externamente à Faculdade de Educação, aos polos da Educação a Distância (EaD), e na própria Universidade, que lidará com outro formato e demandas que um curso

como este exige. Este evento fez parte da Integralização da Extensão, conforme expresso no Projeto Político de Curso do Pedagogia da Faculdade de Educação/CBH/UEMG. É importante ressaltar que o envolvimento dos alunos dos Núcleos Formativos 7A e 7E foi de fundamental importância, sem o qual este evento e seu sucesso não teriam sido alcançados. O lanche, nos dois horários foram um primor. O cuidado com cada detalhe foi pensado pelas equipes de alunos e colaboradores, os quais financiaram esta parte tão necessária nos eventos, onde além de se tomar um bom café, um suco, além das guloseimas, as pessoas tiveram a oportunidade de interagir, o que não foi diferente no UEMG Azul. Nosso reconhecimento e agradecimento a todos os palestrantes, participantes internos e externos, alunos de diversos turnos, funcionários, intérpretes de Libras, professores, Núcleos de Estudos e Pesquisas em Conhecimento e Educação e em Educação, Comunicação e Tecnologia, Revista Scias Língua de Sinais, Centro de Extensão, Coordenação de Curso, Direção da

Cristina Alves Menezes Rocha

Imagem: arquivo da autora



FaE, Pró-reitoria de Graduação, com seus representantes, através da Coordenadoria de EaD e Coordenação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), Pró-reitoria Extensão, representada por meio da disponibilização dos Tradutores e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, e Reitoria, por todo apoio e participação, de alguma forma, para que o evento fosse bem-sucedido. Que tenhamos mais momentos para refletirmos e atuarmos sobre as demandas da Comunidade Surda, com sua presença, para que a colaboração da Academia permita, que juntos, pensemos sobre uma Educação de Surdos que eles desejam e que de fato atinjam as suas necessidades, e que acima de tudo, os respeite.

O TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE: O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO CONTINUA...

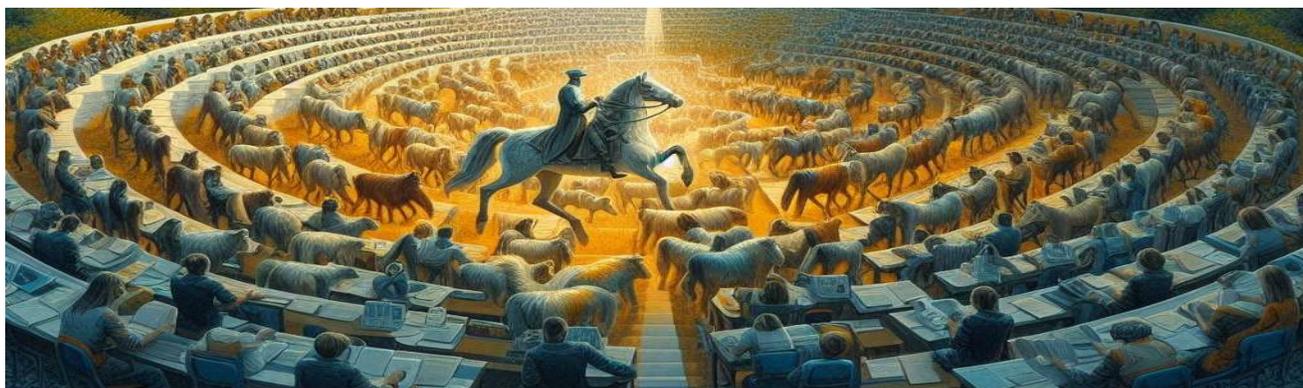
NEIDE ELISA PORTES DOS SANTOS

Imagem: arquivo gerado por Bing Creator

Já dizia Chico Buarque “minha vida querida, não é nem um mar de rosas”. Com certeza a vida da professora e de professor não o é. No início de 2014, finalizei minha tese de doutorado intitulada: “Gestão e Trabalho na Universidade: as recentes reformas do Estado e da educação superior e seus efeitos no trabalho docente na UEMG”. Naquele momento, [início dos anos 2000], vinha sendo construída uma forma de regulação de trabalho tal qual se desenha hoje – baseada nos princípios da Nova Gestão Pública. Naquele cenário, pouco diferente de hoje, já havia um descompasso entre as exigências por resultados e condições de trabalho. O que se percebia na análise daquele contexto eram ações tanto da gestão, quanto dos próprios trabalhadores docentes no sentido de adaptar os instrumentos de avaliação de desempenho ao cenário das condições de trabalho. São quase 10 anos de distância temporal e o fantasma continua... a tentativa de construção de uma regulação da força de trabalho baseada em resultados sem que as condições de trabalho tenham mudado. A institucionalização continua, bem

como a luta contra os efeitos de uma concepção de Estado gerencial frente a uma materialidade de trabalho nada favorável. Temos todos os dias que nos desdobramos para fazer frente aos desafios que o trabalho docente na educação superior nos coloca: atividades de ensino, pesquisa e extensão. O tripé que sustenta a universidade e constitui a identidade de nosso trabalho vive sendo ameaçado pelas investidas das Reformas de Estado que primam pela eficiência, eficácia tendo foco nos resultados. Por isso, no momento em que o fantasma do regime de recuperação fiscal nos assombra, é preciso ter coragem. Coragem para lutar contra uma reforma que afetará de forma impiedosa e impetuosa a sobrevivência da universidade pública, gratuita e de qualidade que só quer intensificar e precarizar ainda mais o trabalho docente – colocando ênfase nos resultados sem levar em conta as condições de trabalho, congelando os salários já arrojados e corroídos pela inflação. Nesse contexto, a luta sindical se mostra imprescindível para fortalecer a autonomia universitária e a luta do trabalho

docente contra a intensificação e precarização do trabalho que se avizinha ainda mais frente a adoção dos princípios da Nova Gestão Pública que inclusive, constitui uma faceta da privatização. Ademais, o congelamento de salários configura uma ameaça a sobrevivência e manutenção da reprodução de uma importante força de trabalho – o trabalho docente na educação superior. Faz-se necessário ter coragem para seguirmos em frente nadando contra a corrente que insiste em nos levar para o fundo do mar sombrio do Estado mínimo. A luta e a resistência em prol da manutenção de uma universidade pública e gratuita tem que continuar. A coragem e a resistência têm que se manter. Primavera, outubro de 2023.



Seminário P&E na FaE



Maria Auxiliadora Miguel Jacob e Fernanda Aires Guedes Ferreira

Imagem: arquivo da autoras

O Seminário de Pesquisa e Extensão é o principal evento institucional da UEMG que teve sua primeira edição em 1996, desde então as atividades que o compõem acompanharam as transformações da Universidade, à medida que novos cursos e projetos foram implementados e desenvolvidos, ao longo deste período. O evento é Promovido pelas Pró-Reitorias: de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), tendo como principal objetivo, promover a integração entre a pesquisa e a extensão nos cursos de graduação e pós-graduação da UEMG, acolhendo também, trabalhos produzidos pela comunidade acadêmica externa.

Nesta 25ª edição, a Faculdade de Educação (FAE) trouxe uma novidade que foi a realização de programação conjunta do Seminário com a Faculdade de Políticas Públicas e Gestão de Negócios (FappGen), também de forma integrada com a VI Semana da Consciência Negra do NEPER|UEMG e a 7ª Feira Mineira de Iniciação Científica – FEMIC.

Durante os dias 21, 22 e 23 de novembro, aconteceram apresentações orais; minicursos; mesas de debates, de modo presencial, abrangendo temáticas nas áreas de: formação docente, políticas públicas, processos gerenciais, resgate de saberes do povo Afro-brasileiro e promoção de ações afirmativas e antirracistas, além da iniciação científica em escolas públicas do ensino fundamental. Dois grupos de estudantes visitaram as unidades FAE e FappGen, para participar das atividades previstas na programação, sendo um grupo de estudantes do projeto EJA, da Escola Municipal Aurélio Pires, de Belo Horizonte e estudantes do ensino médio da Escola Estadual Domingos Justino Ribeiro, de Mateus Leme.

O 25º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG, teve como tema: a SUSTENTABILIDADE E PROMOÇÃO REGIONAL, destacando o papel da UEMG na construção de um futuro promissor ao investir no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da agenda 2023.

A palestra de abertura, ocorrida por meio de uma live, contou com a participação da Dra. Elisângela Lizardo de Oliveira; Chefe da Assessoria de Participação Social e Diversidade do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI, com informações relevantes. Tivemos ainda 5 minicursos, 9 palestras e 5 mesas redondas. As apresentações orais dos trabalhos de pesquisa e de extensão, aconteceram de modo presencial e on line, durante os três turnos letivos.

As equipes dos centros de Pesquisa e de Extensão da FAE e FappGen, trabalharam intensamente na preparação e realização da programação. Nós, as professoras Maria Auxiliadora Miguel Jacob e Fernanda Aires Guedes Ferreira, agradecemos todo o apoio recebido da comunidade FAE e neste sentido convidamos para que no próximo ano, juntem-se a nós e participem deste grandioso evento.

Biblioteca FaE

Simone Benedito Martins Rodrigues

Imagem: arquivo da autora

A Biblioteca da Faculdade de Educação integra o Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, atendendo estudantes, funcionários, professores do curso de graduação e pós-graduação lato e stricto sensu da UEMG, bem como a comunidade externa para consulta local. O acervo da biblioteca, um dos melhores no Estado na área de Educação, composto por livros, periódicos e pela produção científica da comunidade acadêmica da instituição está em constante expansão.

Além do acervo físico as bibliotecas da UEMG contam com livros digitais de diversas áreas do conhecimento das melhores editoras do país que podem ser acessados através das plataformas digitais, como “Minha Biblioteca” e “Biblioteca Virtual” mediante login e senha individual dentro e fora da instituição.

Para saber mais basta acessar o site da UEMG, na aba BIBLIOTECA, que lá você encontrará diversos tutoriais com dicas de acesso e uso das plataformas digitais ou entre em contato com a equipe da biblioteca.



ISSN da Revista SCIAS Língua de Sinais

Cristina Alves Menezes Rocha

Foi com grande alegria e satisfação que pudemos informar a todos os autores, pareceristas, editores, conselheiros e demais envolvidos nas submissões de artigos na Revista SCIAS Língua de Sinais, que foi atribuído o número ISSN: 2965-5617 para todas as publicações deste periódico. Tanto as anteriores quanto as futuras.

Para nós da revista, esta foi uma grande vitória e um marco importante uma vez que esta atribuição ocorreu em meio ao Setembro Azul e em meio às reflexões do UEMG Azul.

Nosso agradecimento a todos que colaboraram neste processo.

UEMG NA CENA

Imagem: arquivo enviado pelos autores



Aline Choucair Vaz
Amanda Tolomelli Brescia
Débora Castanheira Mosqueira
Henrique Guerhardt Goddard Borges
Letícia Rocha Moreira

O projeto de extensão “UEMG na Cena” iniciou no mês de maio do ano de 2021, durante a pandemia da COVID-19, na Faculdade de Educação da FaE/CBH/UEMG, oportunizando mensalmente, a discussão de um filme do campo das Humanidades e do Cinema. Coordenado pelas professoras da FaE/CBH/UEMG, Amanda Tolomelli Brescia e Aline Choucair Vaz, um/a expositor/a é convidado/a para apresentar um filme e depois questões são abertas para o debate entre os/as participantes por meio do canal do YouTube. Os/as estudantes do Curso de Pedagogia participantes deste projeto de extensão são: Débora Castanheira Mosqueira, Henrique Guerhardt Goddard Borges e Letícia Rocha Moreira.

No mês de outubro de 2023, o projeto fez uma parceria profícua com o Cine Santa Tereza e realizou o seu primeiro encontro presencial. Os filmes (curtas) exibidos foram “Águas de Romanza” (2002), “Dona Cristina perdeu a memória” (2002), “O imaginante quarto da vovó” (2009) e “Reisado Miudim” (2008). No mês que se comemora a criança, o projeto se debruçou nas várias narrativas sobre as infâncias e o cinema, por meio do diálogo com a

convidada da noite, profa. Ana Paula Braz Maletta da FaE/CBH/UEMG. O projeto já conta com 22 encontros, em que temáticas alusivas às humanidades, que são fundamentais para a formação de professores/as e para aqueles/as que se interessam no Cinema como objeto de estudo são abordadas. Nos encontros já realizados tivemos pessoas de várias localidades do Brasil, de diferentes regiões e culturas, agregando pesquisadores/as, sobretudo da área da Educação.

O projeto tem como objetivos estimular a exibição e posterior discussão de filmes que podem ser problematizados à luz do pensamento científico da área das Ciências Humanas e sua contribuição para as práticas educativas; divulgar o conhecimento científico e suas matrizes, entre estudantes, comunidade acadêmica, como também na sociedade em geral; produzir páginas nas redes sociais Instagram e Facebook que problematizem a relação educação e cinema, difundindo essas áreas de conhecimento e a imagem da UEMG; contribuir para a imagem da UEMG em seu aspecto extensionista e de difusora do conhecimento científico; favorecer

as práticas educativas por meio das mídias e tecnologias virtuais; colaborar para a implementação da Lei nº 13.006 de 2014, que versa sobre a exibição de filmes de produção nacional, constituindo-se como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola de Educação Básica, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

Além dos encontros, o projeto, por meio de redes sociais, indica filmes e artigos relacionados à educação analisados e escolhidos pelos integrantes da equipe. Após o último filme deste ano será feita uma pesquisa pela Internet com os/as participantes de todos os UEMG na Cena para saber como se relacionaram com os filmes, encontros e debates. Como produto, o projeto de Extensão já tem o canal no YouTube com os debates realizados até o momento: <https://www.youtube.com/channel/UCFv3ULr9e92UoHnoy6pFp2Q>, além das redes sociais já mencionadas.

Assista aos encontros realizados e acompanhe os próximos!

A Questão da Verdade

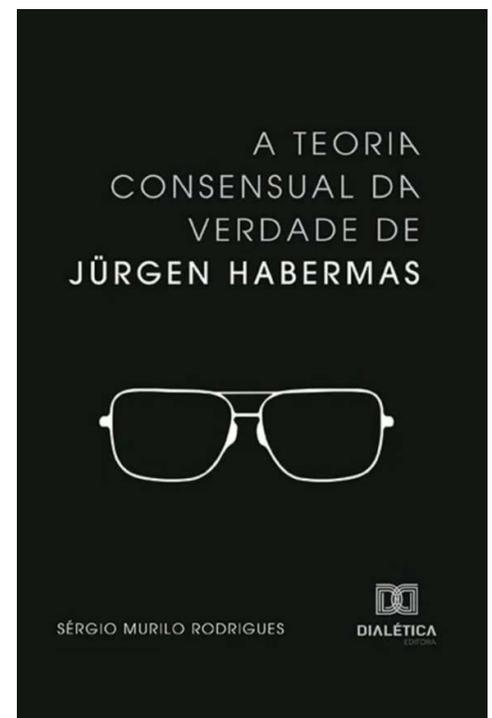
Autor: Sérgio Murilo

Imagem: arquivos do autor

Sobre o meu livro *A teoria consensual da verdade de Habermas*. Sou o Sérgio Murilo Rodrigues, professor de Filosofia da Educação da FaE/UEMG, e estudei Filosofia na FAFICH/UFMG do Santo Antônio, território do relativismo. Lá não existiam verdades e tudo era permitido. Depois de formado, comecei a refletir que o território sem limites dos tempos de estudo era muito prazeroso, mas não funcionaria no mundo-da-vida das relações interpessoais envolvendo a política e a moral. Se todos buscarmos preservar o próprio prazer, a violência será inevitável. Mas como estabelecer limites para as ações sem ser autoritário? Como resolver os conflitos morais e políticos de uma forma justa, sem recorrer à violência? Este é o difícil caminho da civilização: discutir sobre os diferentes desejos de forma a estabelecer acordos através unicamente da comunicação. Precisamos então de um parâmetro que garanta a legitimidade e a justiça desses acordos ou consensos. Precisamos da verdade. Comecei então a pesquisar sobre a verdade para fazer a minha dissertação de Mestrado. Não poderia ser uma verdade absoluta, dogmática, nem uma verdade relativa, incapaz de lidar com as questões de justiça que envolvem múltiplas comunidades, mas uma verdade universal e falível, aberta às críticas e sujeita a substituição diante de argumentos racionais pertinentes. Encontrei no

filósofo alemão, Jürgen Habermas (1929-) a concepção que melhor satisfazia a minha vontade de encontrar uma teoria da verdade que desse conta da complexidade do mundo moderno com suas relações de dominação através de comunicações distorcidas aparentemente livres. Este livro pretende analisar a teoria consensual da verdade de Habermas, mostrando a possibilidade de se sustentar uma pretensão de universalidade e de racionalidade para as questões de verdade e justiça, através de uma interessante abordagem filosófica pragmático-linguística. Essa abordagem põe em destaque a função dialógica e comunicativa da linguagem. Ela permite perceber que, sempre que um sujeito afirma algo, ele levanta uma pretensão de verdade para a sua afirmação. Trata-se de um pressuposto implícito à estrutura da comunicação em geral. Normalmente, na interação social, essa pretensão de verdade é aceita ingenuamente a partir de um determinado consenso de base (as verdades consolidadas da comunidade). Mas essa pretensão pode ser problematizada, a qualquer momento, de forma radical. Nesse caso, a pretensão de verdade é tornada hipotética. Os interlocutores devem entrar em um discurso, a fim de justificar argumentativamente a pretensão de verdade levantada ou, então, negá-la. A relação com o Direito é clara aqui. Quando uma pretensão de direito é

contestada, cabe à pessoa que levantou a pretensão elaborar a argumentação jurídica, que irá sustentar a justiça do direito pretendido. O objetivo é alcançar um consenso racionalmente motivado; obtido graças exclusivamente à força do melhor argumento. Esse consenso é simplesmente um acordo legitimado politicamente pela discussão racional livre que o gerou. Ele não elimina de forma alguma o dissenso, tão necessário em uma sociedade justa.



O Cuidado

Nos dias de hoje falar sobre o cuidado para determinadas pessoas é correr o risco de ser taxado de esquerdista, pessoa chata, gente alienada ou no mínimo boba ou ingênua. Apesar da violência nas palavras dos bípedes humanos, vale dizer que a “sociedade do cuidado” é complexa, dado que para sua existência é obrigatório e necessário o respeito ao outro em sua singularidade, fragilidade e necessidade. Trata-se de relações sociais repletas de virtudes, valores e bondades destinadas às pessoas mais vulneráveis. Leonardo Boff, em seu livro “Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra” (Petrópolis: Ed. Vozes, 2002), vai mais longe e diz que a sociedade do cuidado exige um “novo” modo de ser, uma nova “pessoa humana” capaz de se fundar em um campo de sociabilidades e comunidades afetivas do cuidado com a vida. Isso quer dizer que cabe aos seres humanos não somente o cuidado com o outro, mas também com todas as dimensões da vida como nas esferas ecológicas, ambientais, sociais, culturais e políticas. Essa integralidade com o mundo da natureza, em tempos de ódio, torna-se de difícil manejo, ainda mais no pensamento cristão no qual o cuidado se aproxima bastante do amor entendido como ágape.

No livro sobre os cuidadores, de Helena Hirata, “O cuidado. Teorias e práticas” (São Paulo: Ed. Bomtempo, 2022), a

autora se refere a ilusória “sociedade do cuidado”, que pouco se aproxima dessa sociabilidade. Ela se refere ao cuidado destinado nas sociedades do século XX e XXI às pessoas idosas e crianças. Hirata trata dos cuidadores, esses trabalhadores que aos poucos estão saindo dos porões da invisibilidade e ganhando espaço em uma sociedade na qual as pessoas vivem mais, com certa qualidade de vida e com possibilidades de pagamento de mão de obra. E eles não param de aparecer. Dificilmente uma pessoa não conhece uma avó, tia ou uma mãe que necessita dos braços jovens e fortes de uma pessoa, a priori, preparada para garantir os cuidados mais elementares do moribundo.

Helena Hirata, socióloga com amplas pesquisas no campo do trabalho, nos revela nesse livro quem são esses cuidadores nos três países pelos quais passou e viveu: Japão, França e Brasil. Nos três traçou evidências que revelam a maturação e o desenvolvimento desse trabalho, ainda sequer legitimado entre nós. No Japão está em desenvolvimento desde a década de 1960 e na França, a presente atividade, aparece com força logo após a experiência da reestruturação produtiva e do envelhecimento da sociedade em plena flexibilidade e introdução da microeletrônica nas relações de trabalho. Alguns pontos valem destaque nessas poucas linhas que temos:

Lúcio Alves de Barros

Imagem: arquivo do autor

Em primeiro lugar, o trabalho dos cuidadores é universalmente marginalizado e desvalorizado. Trata-se de um trabalho (quase)doméstico, o qual, na Europa recebeu novas roupagens devido ao recorte de gênero sendo ele questão resolvida pelas mulheres que, historicamente, se tornaram as responsáveis pelo cuidado dos velhos e das crianças. Em segundo lugar, a autora chama atenção para a racialização desse trabalho desde as revoluções de 1970 nos EUA, país no qual as mulheres afro-americanas figuravam como amas e eram obrigadas a se restringirem aos cuidados da casa grande e dos moradores brancos. Quanto ao Brasil, Helena Hirata aponta que o trabalho foi destinado às mulheres afro-brasileiras, porém a fenômeno não se dava pela qualidade de trabalho, mas sim pela desvalorizado do status. Em sociedade machista essa tarefa é das mulheres, inclusive as mulheres brancas do sudeste e do sul. Por fim, a autora revela a subordinação do cuidado à política pública de Estado, o que é incapaz de entender ou levar a efeito uma política coerente de qualificação com regulamentação da atividade laboral garantindo os direitos mais elementares como férias, salário digno, pagamento de horas-extras e licença por saúde.

Complexo é viver na “sociedade do cuidado” sem cuidadores valorizados. E a pergunta a se fazer? “Quem cuida dos cuidadores?”. A autora aponta

para a inegável necessidade dos cuidadores devido a três questões. A primeira questão diz respeito ao envelhecimento rápido da população, especialmente no Japão, em meados do século 20, a França passou a enfrentar esse problema em meados do século XX e, no Brasil ele emerge em pleno século XXI. O nascimento de pessoas tornou-se, ao longo do tempo, menor do que a finitude das mais velhas. É importante que as políticas demográficas sejam levadas a sério e que novas soluções sejam configuradas, dado que inexistirá cuidado para todo(as). Um segundo ponto diz respeito a masculinização desse perfil de trabalho no Japão, atividade que, em larga medida é considerada valorizada, não pela sua importância, mas por ser feita por homens, e este é um caso a se discutir que não cabe nessas linhas. Em terceiro lugar, para a socióloga é preciso levar em conta que no Brasil a questão pode parecer nova, mas a existência de cuidadores por aqui sempre foi

trabalho de pobre, pardo, negro e desafortunadas, inclusive em atividades não remuneradas. O fato se torna grave quando inexistente a política de Estado, bem como poucas famílias que podem garantir pagamentos dignos e reduzida ou quase inexistente ação sindical. Como diferença dos outros dois países, a autora ressalta que o Brasil tem feito uso de mão de obra migrante, ou seja, das pessoas que saem do nordeste e que vão trabalhar nas casas dos velhos ricos em São Paulo e outras metrópoles. Também ressalta que em nosso país as mulheres são, inclusive no espaço doméstico, as responsáveis pela maior carga de trabalho quanto ao cuidado da casa, dos velhos e das crianças.

O livro, a meu ver, é de leitura obrigatória, não pelas diferenças entre Brasil, França e Japão, mas por mostrar uma nova face do trabalho como categoria socializadora que não para de nos surpreender. Pelo descaso pelo futuro de todos os dias e por nossa vida cheia de incerteza e

insegurança social em relação ao dia do amanhã. Brasileiros, em sua grande maioria, não pensam em projetos prospectivos. Culturalmente vivemos o presente e aprendemos a correr riscos na sociedade da insegurança social, na qual homens e mulheres não possuem mais a certeza de aposentadoria, direitos, vida digna diante do enfraquecimento do corpo e cuidado ante a finitude.

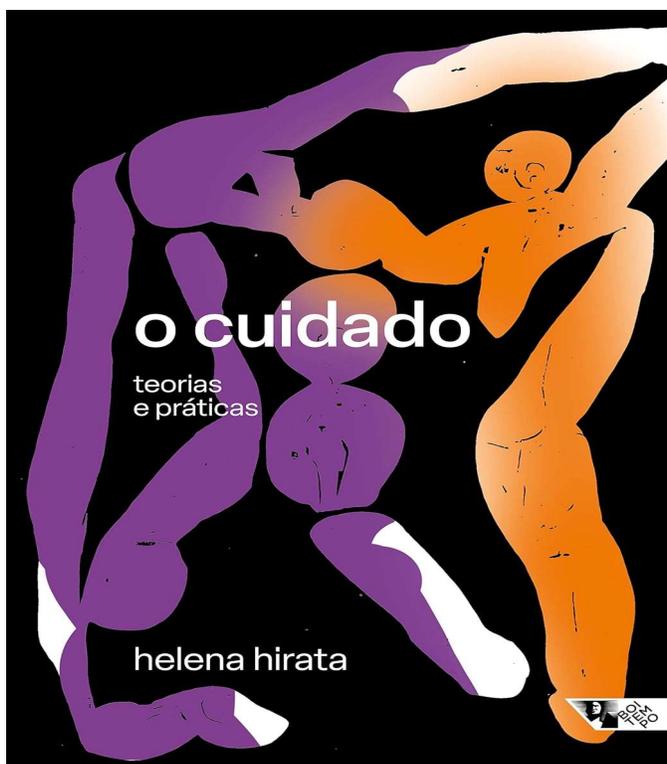


Imagem: arquivo da internet, autora do livro e capa.

O Convite à leitura do livro “Marfins Africanos como insígnias de poder” (Editora Fino Traço, 2023)

Rogéria Cristina Alves

Imagem: arquivo da autora

O livro “Marfins Africanos como insígnias de poder” acaba de ser lançado pela Editora Fino Traço e reúne em 10 capítulos, pesquisas históricas sobre o uso desta matéria-prima. Organizado pela professora de História da África, Vanicléia Silva Santos (Universidade da Pensilvânia) o livro inaugura uma série de questionamentos sobre a colonialidade do saber, seja por meio do posicionamento teórico explícito, seja por, no seu conjunto, desconstruir a ideia de que objetos de marfim eram produzidos em contextos africanos prioritariamente para o interesse estrangeiro.

A professora Rogéria C. Alves, da Faculdade de Educação (FaE/UEMG) é autora de um dos capítulos da obra, cujo título é “Usos do marfim no Reino de Angola e no Atlântico (séculos XVI a XVIII)”. No texto, a autora aprofunda alguns aspectos que trabalhou em sua tese de doutorado, enfatizando a participação das populações centro-africanas no comércio atlântico do marfim. O chamado marfim in natura é o marfim em seu estado bruto: a presa do elefante que ainda não foi lavrada ou transformada pela ação humana em objeto. E embora o comércio desta matéria-prima tenha sido proibido internacionalmente nos anos de 1980, as pesquisas históricas reunidas no livro demonstram o vigor de seu comércio e uso, ao longo do tempo.

A versão digital o livro está disponível para download e acesso inteiramente gratuitos, por meio do link: <https://www.finoatracoeditora.com.br/e-book-marfins-africanos-como-insignias-de-poder-contextos-de-producao-e-usos-dentro-e-fora-da-africa>

Leia, compartilhe e conheça um pouco mais a respeito desta história!



Momentos FaE

Imagem: arquivo do CENC

Evento: UEMG Azul



Evento: Encerramento do Ano Letivo no Projeto PLENO VIVER!



Evento: Reflexões sobre o saber docente



Evento: 25º Seminário de Pesquisa & Extensão



Fique por dentro de tudo o que acontece na UEMG através de nosso site.



**Nos envie sua charge
e/ou artigo via
cenc.fae@uemg.br**